



N.º 42 — LISBOA 31 DE OUTUBRO

I  
ANNO  
1900

# A PARODIA

## PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa e provincias, serie de 26 numeros.... 500 reis  
 Cobrança pelo correio custa..... 1000  
 Africa e Estrangeiro, accresce o porte do correio 1000  
 Vende-se em Paris no kiosque, 10, boulevard des Capucines (GRAND CAFE).

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Publica-se ás quartas-feiras

CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Administrador — GONZAGA GOMES

Administração — RUA DA BARROCA, 115, 1.º

Composição: Mtx. Peninsular, 111, R. da Alameda, 113

Impressão: Lithographia Artistica,

R. do Jardim do Tabaco, 92 a 96

**Preço avulso 20 réis**

Um mez depois de publicado 40 réis



## «A Parodia» em Paris

### EXPEDIENTES

PARIS, 28 d'Outubro de 1900.

As quatro paginas principais do presente numero da *Parodia* são consagradas a alguns dos caricaturistas francezes que neste momento chamam sobre a sua obra a admiração universal.

Ausentes de Portugal, bem longe de Lisboa, onde a *Parodia* conta o maior numero dos seus mais constantes leitores e amigos, começavamos a sentir formar-se, e avolumar-se, ao canto do olho, a lagrima da saudade, ao cabo d'essa perigosa e longa travessia do paiz visinho, quando um grande sobresalto nos accordou do lethargo ferro-viario em que nos tinhamos afundado, e este grande grito nos chamou á realidade das coisas:

—Paris! Voici Paris!

A mais affectuosa recepção nos esperava aqui. Os nossos amigos de Paris tem sido d'uma amabilidade extrema para conosco. Dir-se ia que entre 1880— a ultima vez que aqui estivemos— e 1900, não decorrera mais que o espaço d'uma manhã... *l'espace d'un matin!*

Tanto amor— como se diz na *Gran-Duqueza*— empolgou nos. Houve mesmo um momento em que, esquecemos tudo o mais, para nos entregarmos de corpo e d'alma aos nossos amigos.

Foi neste momento que recebemos um telegrama de Lisboa lembrando nos—os desenhos!

Procurámos um assumpto nas cartas e nos jornaes que nos chegavam de Portugal e não encontramos esse assumpto. Fomos ao consulado, nada havia de novo no consulado!

Tendo-se ausentado de Lisboa, por alguns dias, o Systema que felizmente nos rege, e tendo havido tolerancia de ponto nas Repartições, parara o sangue nas veias da capital.

Era a miseria!

E deliberámos então fazer este numero por meio de uma subscrição.

Assim conseguimos duas coisas superiormente boas: fazer a *gazeta*, e reunir num festim, á meza da *Parodia*, em jovial camaradagem, os nossos dilectos confrades de Paris.

**CHRONICA IMPLICADA  
NO CRIME DO BARREIRO**

Esta chronica de hoje é destinada a registrar, com os louvores merecidos, o novo methodo de investigação policial inventado e iniciado pelo digno administrador do concelho do Barreiro, nos trabalhos preparatorios para instauração do processo contra o assassino ou assassinos dos velhos que emprestavam dinheiro sobre penhores.

Todos os jornaes se teem occupado d'este interessante caso, toda a gente conhece as circumstancias em que o crime se deu, é do dominio publico o resultado das diligencias a que se tem procedido, mas ninguem sabe, ao certo, em que consiste o methodo adoptado pelo Sr. Conde de Mesquitella.

Sabemo-lo nós, e vamos dizelo. Aquelle reporter a quem o *Diario de Noticias* se referia ha dias, e que interveiu no primeiro interrogatorio do preso Joaquim Costa, perguntando-lhe, com licença do administrador: — «Diga-me, Costa, esteve na noite de 16 em casa de Consolação?» —



esse reporter eramos nós. Por aqui se pode ver se andamos ao facto do que se tem passado, ou não.

O methodo é o seguinte:

Logo que a auctoridade recebe

participação do crime, a primeira coisa que faz é mandar expedir uma circular a todos os jornaes, sem distincção de côres politicas, concebida nestes termos: — *Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Redactor principal do jornal...<sup>1</sup> Aca-bando de chegar ao meu conhecimento a noticia de haver sido praticado um...<sup>2</sup> crime de...<sup>3</sup> nest...<sup>4</sup> e sendo de toda a conveniencia que a Imprensa auxilie as diligencias da policia, com os excellentes meios de investigação de que dispõe, rogo a V. Ex.<sup>a</sup> se sirva delegar em um dos seus mais...<sup>5</sup> reporters a missão de acompanhar de perto os trabalhos a que vamos proceder para descobrir o criminoso.*

*No caso de V. Ex.<sup>a</sup> suspeitar, por quaesquer motivos cuja apreciação deixamos ao seu muito alto criterio, que V. Ex.<sup>a</sup> mesmo, ou algum dos seus colaboradores, ou pessoa de sua familia, ou de seu conhecimento, seja o auctor, ou cumplice, do crime em questão, apello ainda para os altos sentimentos de humanidade que distinguem o nobilissimo character de V. Ex.<sup>a</sup> afim de que V. Ex.<sup>a</sup> se considere immediatamente sob prisão, ou dê voz de prisão á pessoa ou pessoas sobre quem reclivam as suas sempre bem fundamentadas suspeitas. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>, etc. etc.»*

Ao mesmo tempo será afixado nos logares do costume, e publicado tres vezes consecutivas no *Diario do Governo*, um edital mandando apresentar na administração do concelho, e no praso de tres mezes a contar da data que tiver o edital, o auctor ou auctores, cumplices, receptadores, afim de confessarem o crime ou prestarem declarações; e bem assim todos aquellos que, directa ou indirectamente, possam auxiliar as diligencias policiaes, já como testemunhas, já como denunciantes.

Nesse mesmo edital se fará saber que na administração do concelho se acceitam todas as informações, indicações e alvitres, que possam contribuir para a descoberta do criminoso ou criminosos, por escripto anonymo ou assignado, devendo, neste ultimo

caso, vir a assignatura devidamente reconhecida por tabellião.

Aos representantes da Imprensa junto do administrador do concelho será facultado o exame de todos os documentos; indicios e pistas que digam respeito ao crime, e permittida a sua publicação na integra, no corpo do jornal.

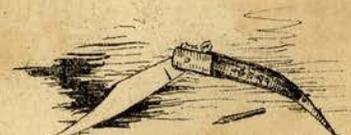
Findo o praso de tres mezes fixado pelo edital, se o criminoso ou criminosos não se tiverem apresentado, ou não tiver a policia recolhido todos os dados necessarios para a sua perseguição, será esse praso prorogado por mais trinta dias, findos os quaes serão postos em praça — como quem diz, em liberdade — todos os individuos que tenham sido presos por suspeitos, arrematando-se então a responsabilidade do crime em hasta publica. Não havendo arrematante, toda essa responsabilidade reverterá para o administrador do concelho.

Acontecendo, porém, apresentar-se ou descobrir-se o criminoso, ou quem suas vezes faça com procuração bastante, passada pelo mandante e assignada por duas testemunhas, o administrador tomará e designará todas as medidas que julgar convenientes para se obter, por meio de declarações do criminoso ou criminosos, acareações, visitas ao local do crime, exame de instrumentos — desde o instrumento do crime até ao instrumento de agravo — e autopsias, a perfeita reconstituição do acto criminoso, com destino a ser publicada nos jornaes.

Sendo necessario proceder-se á exhumação do cadaver da victima, e tendo decorrido tanto tempo depois do delicto que não se saiba já ao certo onde esse cadaver pára, o administrador officiará ao nosso amigo Julio Mardel, sollicitando a sua valiosa cooperação nas buscas a que a policia terá de proceder.

Eis, em resumo, o processo de que se serviu o Sr. Conde de Mesquitella, para a descoberta dos auctores do crime do Barreiro.

<sup>1</sup> O nome do jornal.  
<sup>2</sup> Nefando, horrivel, estupendo, revoltante.  
<sup>3</sup> Assassinato, roubo, desfloramento, etc.  
<sup>4</sup> Neste ou n'esta. concelho, freguezia, cidade, villa, etc.  
<sup>5</sup> Intelligentes, activos, perspicazes, talentosos, competentes, etc., etc.



# ZÉ VITELIUS D'AZEVEDO

OPERA EM TRES PRESTAÇÕES

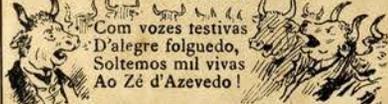
Letra de CAMBIO—Musica de CAMARA

## 1.º Acto — 1.ª Prestação

Sala do Palacio de Vitelius. Ao M. um continuo vestido a caracter sauda os visitantes, de seu proprio motu-continuo.

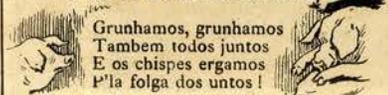
### SCENA 1.ª

CÔRO DE BOIS, que accordam em vaccas na Eternidade



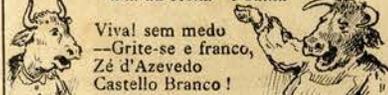
Com vozes festivas  
D'alegre folgado,  
Soltemos mil vivas  
Ao Zé d'Azevedo!

CÔRO DE PORCOS—com sua licença



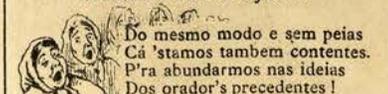
Grunhamos, grunhamos  
Tambem todos juntos  
E os chispes ergamos  
P'la folga dos untos!

CÔRO DE VACCAS LEITEIRAS—mesmo á boqui-nha da scena—e aquna



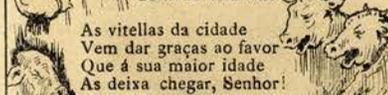
Viva! sem medo  
—Grite-se e franco,  
Zé d'Azevedo  
Castello Branco!

CÔRO DE LEITEIRAS sem serem vaccas, avancando como se o fossem



Do mesmo modo e sem peias  
Cá 'stamos tambem contentes.  
P'ra abundarmos nas ideias  
Dos orador's precedentes!

CÔRO DE VITELLAS



As vitellas da cidade  
Vem dar graças ao favor  
Que á sua maior idade  
As deixa chegar, Senhor!

CÔRO GERAL

Demos pois largas á cantiga  
Gritando emfim no salsifré:  
Rompa a bexiga!  
O' Zél ó Zél ó Zél!

### SCENA 2.ª

Os mesmos e Vitelius

VITELIUS (romanza)

Carne vil, carne damnada,  
Que tentas erguer a grimpal  
Cozida, frita ou assada,  
Aqui me tens na aprumada,  
E vamos a vêr quem pimpa!

O teu odioso reinado  
Não mais passará além!  
Porque has de vêr-me afinado,  
O' fonte vil do Peccado  
—E do picado tambem!

Jámais d'aqui me demôvo,  
Nem creias tu que eu transija!  
Pois te juro aqui de novo  
Que se a carne carne cria,  
Hade ter carne—e da rija!

Não mais porém a alegria  
Terás d'um preço elevado!  
E juro com ufanía,  
Que se a carne carne cria,  
Has de vêr tudo encarnado!

UMA VITELLA, muito tímida, indo a entregar-lhe um bouquet

Meu Senhor.

VITELIUS (sem reparar)

Quem fôr, que passe.

VITELLA

Esta pequena lembrança  
Em nome de toda a classe,  
Que n'um amoroso enlace...



VITELIUS (tomando o bouquet)

Muito obrigado, creança!

(Reparando, com ternura)

Ah! mas como tu és bella,  
Meu adorado jasmim!  
Vitelius sou, sem balela!  
Mas no que toca a vitella,  
—Eu nunca vi téla assim!

VITELLA

São tudo favor's, Senhor!

VITELIUS

Qual favor's, ou qual historial  
E' tudo justiça, Amor!

UMA PORCA (entregando uma corôa de rose)

Se me fizesse o favor...  
E' uma lembrança accessoria...

VITELIUS (com transporte)

Vós confundis-me!—Obrigado!  
E com a franqueza que uso,  
Tendes-me tão penhorado,  
Que não qu'rendo nada fiaco,  
Eu sinto-me hoje con-fuso!

(Com meiguice, á Porca:)

Mas diz-me, porca adorada:  
E's honesta?

PORCA (baixando a cabeça, com rubôr)

Que pergunta...

VITELIUS

Pereces algo encravada...  
Mas ouve, que nódoa amada  
Muito bom panno besunta:



(aria)

Mimosa nasce a porca e vive linda,  
Se papada não foi logo ao nascer;  
Assim, tambem nasceste e vives pura,  
Se a um porco lhe não deu p'ra te perder.

E' a carne de porco a que alimenta  
Se com regra se come e bem o crêras.  
Mas se a paña se atulha á tripa fôrra,  
Pôde ser o demonio,—e tem p'ra pêras!

Toda a carne que fôra comêdida,  
Uma vez com abuso é o diabol!  
E se isto é assim na gente,—n'uma porca  
E' peor, porque ahi torce ella o rabol!

Porque as porcas de Murça nunca fôram  
D'um pudôr de Vestal, sereno e ruue,  
Não queiras imital-as, põe-te a jogo,  
Que é n'isso, pôdes crêr, que está a virtude!

PORCA (com um ar de Ophelia, áparte)

Delira, meu Deus! e impresso  
Tem o ardor na mioleira!  
Oh justos ceus! que successo!

(alto)

Meu Senhor! Por Deus lhe peço...

VITELIUS (com um grande gesto)

Anda, vae p'rá salgadeira!

(Concentrando-se:)

Hoje o vicio tudo embôrca  
Haja ou não rimas em ôrco!  
E desde Braga a Maiorca  
Ninguem tem carne de porca  
Que lhe não chame—de porcol!



Um BOI (avançando)

Meu Senhor...

VITELIUS

Tens filhas bellas?

BOI

Que dizeis?

VITELIUS

Se as tens, amigo,  
Mexe bem essas canellas  
E põe-te a jogo com ellas  
Que hoje vae tudo ao castigo!

—Por essas Európias fôra,  
Seja luso, ou franco, ou anglo,  
Tudo dá o corpo á penhora,  
E quanto mais forte é a escôra  
Maior é o trango-manglo!

BOI (áparte)

Delira!...

VITELIUS

A vida é um entruôdo!  
E tu se não 'stás attento  
Vaes pôr a mão em velludo  
E tens só cardos em tudo...

(Com resolução:)

Mas gira,—vae p'ra um convento!  
Todos (sahindo, menos Vitelius)

(Côro)

Vamos lá p'ra nossas casas,  
Mas nada de desalantos,  
Pois vamos nas pandas azas  
Dos bem conhecidos ventos!

(Sáem)

SCENA ULTIMA

VITELIUS (só)

Walsa

Carne ou badejo,—eis a questão!  
Mas a verdade é que a valer  
Não ha maior seringação  
Do que qu'rer carne e não a ter!

Seja em Pekin, seja no Riff  
Ou n'esse ideal Châlons sur-Marne,  
P'ra se arranjar um bello bife,  
O que é preciso é haver carne!

Mãos pois á obra! E que Lisboa  
Fique uma vez capacitada  
De que hade ter carne e da boa  
E—ô da fresca limonada!

(Rapa da espada e vae a sahir)

UM BACALHAU (detendo-o á porta)

Para traz, Zé Vitelius d'Azevedo!

VITELIUS

Para traz?

BACALHAU

Para traz, sim, estouvado!

VITELIUS

Tão temeroso vens e carregado  
Que pões nos corações um grande medo!

BACALHAU (com altivez)

Cesse a Carne, que tanto te ataranta,  
Que o bacalhau mais alto se alevanta!

(Vitelius recua em vista do exposto)

Cae o pano.

FIM DO 1.º ACTO

(Continúa.)

TITO LITHO.



**A boquinha da noite**

—Ta bouche, cheri!...

De LEANDRE

A MORAL EM PARIS



fBac

Tristezas não pagam dividas

De BAC.



## DITOS

Na Boa Hora, o juiz Matheus Teixeira de Azevedo, a um garoto vadio accusado de varios roubos em estabelecimentos da Baixa:

—Porque não vives tu com teus paes?  
—Porque quando eu ando cá por fóra, estão elles no Limoeiro; e quando elles vem p'ra rua, mettem-me a mim no xelindro.



Na estação de Santa Apollonia, junto á bilheteira, um candidato a passageiro de 2.ª classe para o Carregado queixa-se amargamente da demora que o bilheteiro põe em fornecer-lhe o bilhete. E enfurece-se, por fim:

—Isto é demais! Vou queixar-me ao chefe. Grande pouca vergonha! Ha seguramente dez minutos que estou diante d'este guichet...

—Pois eu cá, meu caro senhor — observa placidamente o bilheteiro—ha quinze annos que aqui estou por detraz, e ainda não me queixei a ninguem!

Num dos melhores restaurantes de Lisboa, o patrão recommenda aos criados:

—Quero estas facas sempre bem afiadas. Quanto mais as facas cortam, menos duros parecem os bifés!



Um octogenario, muito conhecido ainda na sociedade galante de Lisboa «onde a gente se diverte» e grande perseguidor de senhoras bonitas que andem sós, aproxima-se de uma d'ellas e diz:

—Minha senhora, teria V. Ex.ª alguma duvida em ser minha viuva dentro de quatro ou cinco mezes?

Numa secção espirituosissima e mundanissima do *Diario Illustrado*, que dia a dia encontrareis na primeira pagina de tão autorizada gazeta com o titulo «Em poucas linhas», leem-se coisas raras, de uma subtilidade e malicia verdadeiramente encantadoras. Isto, por exemplo: «Que lindo sol, o de hontem!» A primeira vista esta phrase parece uma banalidade. Mas não é. Uma pessoa verdadeiramente espirituosa comprehende quanta malicia transpira de tão curto periodo. E' que hontem houve nevoeiro.

Tem muita graça, pois não tem?  
E quando são coisas incompletas, deixando adivinhar nomes, coisas, qualidades em abstracto? Oh, então!  
Não vamos mais longe. Aqui está um bo cadinho d'ouro justificando a nossa asserção. «Proverbio vulgar: O amor é uma cubiça.»

Mas o resto? Vamos dizel-o só para que vejam o espirito do mafarrico que taes coisas escreve...

...O amor é uma cubiça, com entradas de leão e saídas de sendeiro...

## CANCIONEIRO POPULAR

(COM LICENÇA DO «DIARIO ILLUSTRADO»)

V

No meu peito ha reunião  
Onde o meu bem bota espiche.  
Se um dia não ha sessão,  
O homem não anda fixe!

### Cumulo:

Abrir, com somno, uma bocca de incendio.



## POR AQUI, POR ALI E POR ACOLI

Duas coisas importantes teem as *Novidades* publicado ultimamente: as cartas do nosso collega do *Quo Vadis*, Sr. Petronius, e as cartas do nosso collega Sr. Mello Barreto.

A distancia que vae entre as duas castas de epistolas é esta: as de Mello Barreto veem no andar nobre e as de Petronius no rez-do-chão.

—Então? *Contreliu de madames!* como dizia um barbeiro que marcava quadrihas.



Theatro de D. Maria.—E' positivo que os nossos collegas a serio Srs. Antonio Ennes e Sousa Monteiro estão extraindo do *Quo Vadis* uma peça para D. Maria. Intitular-se-ha, segundo nos consta, *Quo Vadis de manton de Manila?*

—Já não vae este anno o *Pae Prodigio*. Em compensação vae uma peça representada por amas e meninos da Misericordia, intitulada — *Pae Posser*.

Um vate de Coimbra publica n'uma gazeta da Luza Athenas esta gracinha da sua lavra:

Minha menina donzella,  
Vêde bem por onde andaes,  
Que a mulher é como o vidro,  
Se quebra, não gruda mais.

Ao lado d'esta quadra escreveu Luiz de Camões, filho, as seguintes:

Ai, vidraceiro poeta,  
Vou mandar te num canudo  
Para a grudares, pateta,  
O «Colla-tudo»...

Já vi um tacho rachado,  
E a grude grudou-se o tacho:  
Mas versos de pé quebrado,  
Não grudam nem p'lo diacho!

Ai, poeta! Vê se mudas  
Antes que o diabo te mude!  
A menina talvez grude,  
Tu p'ra cá é que não grudas!



## Instantanea PARODIA

PELA RUA





# O AMOR EM PARIS

(PELOS JORNAES ILLUSTRADOS)



Amor de má bocca

De POLO ROUSSET



Amor de boa bocca

De UNTEL